

## Os traços de unicidade tópica e complexidade intertópica em cartas de leitor do jornal *Diário da Região* publicadas na década de 2020

Topic unicity and intertopic complexity in reader's letters published in the newspaper *Diário da Região* in the decade of 2020

Eduardo Penhavel<sup>1</sup>  
Sarah Hanna Maia Ormenese<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo insere-se na chamada *Abordagem Diacrônica do Texto*, um quadro teórico-metodológico novo, especializado no estudo diacrônico de processos de construção textual e firmado no princípio de que a diacronia desses processos é parte da história dos gêneros textuais. Em particular, o trabalho vincula-se à investigação de uma hipótese segundo a qual diferentes esferas de utilização de um gênero acarretariam diferenças na diacronia dos processos textuais. Nesse contexto, o objetivo do artigo é descrever a organização tópica de cartas de leitor publicadas na década de 2020, no jornal *Diário da Região*, entendido como representante de uma esfera específica de circulação do gênero carta de leitor. O *corpus* de investigação é composto por 51 cartas, extraídas do acervo digital do periódico, e o método utilizado é o da análise tópica, conforme definido em Jubran (2006a; 2006b). A discussão de dados focaliza especificamente os traços de unicidade tópica e complexidade intertópica e demonstra que as missivas examinadas caracterizam-se predominantemente por unicidade tópica, manifestando também, em frequência menor, mas considerável, casos de complexidade intertópica. O trabalho introduz ainda breve comparação dos resultados com pesquisas já realizadas, cotejo que aponta para a pertinência da referida hipótese.

**Palavras-chave:** Processos de construção textual. Organização tópica. Diacronia do texto.

**Abstract:** This paper is developed within the so-called *diachronic approach to texts*, a new theoretical framework that addresses the diachronic study of textual processes and which is based on the assumption that the diachrony of these processes is part of the history of genres. Particularly, the article contributes to the investigation of a hypothesis according to which the diachrony of a textual process in a genre is affected by the use of the genre in different communicative domains. In this context, the purpose of this paper is to describe the topic organization of reader's letters published in the 2020s in the newspaper *Diário da Região*, by taking it as a specific communicative domain in which reader's letters are used. The corpus is composed by 51 letters, selected from the digital collection of this newspaper, and the analysis is based on the analytical category of discourse topic (Jubran, 2006a; 2006b). The discussion focusses on two possible manifestations of topic organization — topic unicity and intertopic complexity — and it demonstrates that most of the letters present unicity while a smaller, but significant group presents complexity. The paper also compares these results with previous studies, and the comparison suggests the validity of that hypothesis.

**Keywords:** Text construction processes. Topic organization. Diachrony of texts.

---

<sup>1</sup> Universidade Estadual Paulista, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos. São José do Rio Preto, SP, Brasil. Endereço eletrônico: [eduardo.penhavel@unesp.br](mailto:eduardo.penhavel@unesp.br).

<sup>2</sup> Universidade Estadual Paulista, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos. São José do Rio Preto, SP, Brasil. Endereço eletrônico: [sarah.hanna@unesp.br](mailto:sarah.hanna@unesp.br).

## Considerações iniciais

Desde a década de 1990, vem sendo desenvolvido no Brasil o projeto de pesquisa intitulado *Projeto para a História do Português Brasileiro* (PHPB), o qual congrega uma série de projetos regionais, como o *Projeto de História do Português Paulista* (PHPP) (Castilho, 2018). No interior do PHPB e particularmente do PHPP, formulou-se, ao lado de outras frentes de pesquisa histórica/diacrônica, um quadro teórico-metodológico novo, situado na área da Linguística Textual, numa interface com a Linguística Histórica, e especializado no estudo diacrônico de processos de construção textual, tais como organização tópica, referenciação, repetição, parentetização etc. Esse quadro tem sido denominado de *abordagem diacrônica de processos de construção de textos* — ou, sinteticamente, *abordagem diacrônica do texto* (ADT) — e se encontra sistematizado em Jubran (2010) e Penhavel e Cintra (2022).

Em seus fundamentos, a ADT assume que a forma pela qual um processo textual é empregado em um texto vincula-se, em grande medida, ao gênero a que o texto pertence. Por exemplo, concebe-se que um processo como a organização tópica seja empregado de uma forma em cartas de leitor, de outra forma em editoriais e assim por diante. Conseqüentemente, considera-se que, em cada gênero, ao longo do tempo, o uso de todo processo fica sujeito a mudanças atreladas a alterações ocorridas no funcionamento do gênero, sobretudo a alterações na finalidade sociocomunicativa do gênero. Diante disso, a abordagem define seu princípio teórico-metodológico central, o de que o estudo diacrônico dos processos textuais deve ser realizado mediante o exame de como esses processos desenvolvem-se no âmbito da história dos gêneros, isto é, cada estudo particular deve averiguar como um dado processo desenvolve-se no contexto da história de um dado gênero.

Com efeito, vários trabalhos realizados no quadro da ADT vêm apresentando resultados condizentes com o princípio da relação entre a diacronia dos processos e a história dos gêneros. É o caso das pesquisas de Oliveira (2016) e Guerra (2022), que descrevem a diacronia da organização tópica de cartas de leitor de jornais paulistas de grande circulação (estadual/nacional), como *O Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo*, e apuram a existência de compatibilidade entre mudanças atestadas na estrutura tópica das cartas e a história da finalidade do gênero. O mesmo tipo de congruência é detectado em Fontes (2022), na análise da diacronia da parentetização em editoriais jornalísticos, em Fortilli (2022), ao investigar a diacronia da repetição em anúncios de jornais, entre outros trabalhos. Inclusive, um dos propósitos da ADT é justamente o de oferecer estudos de caso como esses, cada um focado em descrever como certo processo se desenvolve em determinado gênero praticado em uma língua, de modo a contribuir para a descrição da história dos processos e dos gêneros nessa língua, bem como para a descrição da história da língua.

Visando à especificação e ao refinamento do princípio da relação entre a diacronia dos processos e a história dos gêneros, a ADT propõe a hipótese, ainda não investigada, de que,

no âmbito da história de um gênero, um processo textual possa trilhar trajetórias diacrônicas parcialmente distintas entre si, associadas a caminhos mais ou menos diferentes que o próprio gênero percorreria — o entendimento é o de que um mesmo gênero poderia percorrer caminhos, em alguma medida, distintos, dentro dos “limites” que ainda o caracterizam como um mesmo gênero, visão ligada à compreensão dos gêneros como entidades relativamente estáveis. A hipótese significa cogitar, por exemplo, que o processo de organização tópica seguiria uma trajetória em cartas de leitor de jornais de grande circulação, uma trajetória parcialmente diferente em cartas de jornais de circulação regional, outra trajetória ainda particular em cartas de jornais de bairro e assim por diante.

A hipótese firma-se em um pressuposto assumido pela ADT (exposto à frente) segundo o qual o funcionamento dos fenômenos textuais, em sua completude, é estabelecido sempre no uso, nas circunstâncias específicas de enunciação, pressuposto com o qual, de fato, condiz a expectativa de que tipos específicos de utilização de um gênero possam envolver formas particulares de emprego dos processos textuais. Trata-se de uma perspectiva cuja investigação, em primeiro lugar, pode atuar, como prevê a ADT, para precisar e consolidar seu princípio central da correlação diacrônica entre os processos e os gêneros. Ademais, averiguar a questão é um meio de lançar luz sobre o empreendimento empírico da abordagem. O exame é produtivo para orientar novas pesquisas, indicando se — e quais — diferentes tipos de utilização dos gêneros seriam relevantes para observação dos processos textuais. Ainda, representa uma forma de esclarecer os resultados de novas pesquisas e daquelas já realizadas. Considerando estudos, como os acima citados, sobre a diacronia da organização tópica em cartas de leitor publicadas em jornais de grande circulação, o exame em questão pode ajudar a explicar em que medida os fatos diacrônicos constatados nesses estudos têm relação com o gênero carta de leitor como um todo e em que medida poderiam estar relacionados, na verdade, a particularidades das cartas desse tipo de jornal.

O presente artigo procura colaborar para um início de investigação da hipótese em tela. O objetivo do trabalho é descrever uma parte da organização tópica de cartas de leitor paulistas mais atuais (precisamente de 2022 e 2023) publicadas em jornal de abrangência regional, o *Diário da Região*, que circula na região noroeste do estado de São Paulo, especificamente na cidade de São José do Rio Preto e em municípios próximos. A análise incide, particularmente, sobre um elemento da organização tópica, a saber, a configuração das cartas conforme os traços de unicidade tópica e complexidade intertópica.

O propósito mais amplo do artigo é oferecer dados que, posteriormente, possam ser reunidos a dados de pesquisas voltadas para demais elementos da organização tópica de cartas do *Diário da Região* e a dados de estudos sobre a organização tópica de cartas de leitor do mesmo periódico, porém de sincronias pretéritas, de modo a reunir resultados que permitam descrever a diacronia da organização tópica de cartas de leitor de um jornal paulista

de circulação regional. Descrita essa trajetória da organização tópica, será possível compará-la ao percurso do processo em cartas de jornal de grande circulação, já analisado nos estudos citados, o que propiciará uma primeira avaliação da hipótese de correlação entre a diacronia dos processos textuais e a história de esferas particulares de uso dos gêneros. Para além desse propósito de proporcionar uma contribuição de ordem mais teórico-metodológica para a ADT, o artigo também visa, pela análise de dados de jornal paulista, propiciar colaboração de caráter empírico para a descrição da história do português paulista e brasileiro.

Para desenvolver o objetivo proposto, a próxima seção sintetiza os fundamentos teórico-metodológicos do artigo, a seção seguinte explica o *corpus* de nossa pesquisa e expõe nossa análise de dados, e na sequência são elaboradas as considerações finais.

### Fundamentos teórico-metodológicos

A ADT é uma abordagem que se situa principalmente no campo da Linguística Textual, particularmente no âmbito da Perspectiva Textual-Interativa (PTI) (Jubran; Koch, 2006; Jubran, 2006a; 2007), quadro teórico-metodológico especializado no estudo *sincrônico* da construção do texto. Mais especificamente, a PTI caracteriza-se por estudar os chamados *processos de construção textual*, ou *processos constitutivos do texto*, focalizando os processos de organização tópica, referenciação, repetição, parafraseamento, parentetização, tematização-rematização, correção e uso de marcadores discursivos, processos que, por extensão, são também tomados como objetos de estudo na ADT.

Segundo Jubran (2006a; 2007), a PTI fundamenta-se na concepção de que as línguas humanas e, concretamente, os textos constituem uma forma de interação social, de realização de ações no mundo — visão que vem a se filiar ao paradigma dialógico dos estudos linguísticos (Bakhtin, 2003). A partir dessa concepção de língua/texto, a PTI estuda a construção textual, com ênfase na estruturação do texto e no seu processamento interacional, estabelecendo para isso um quadro conceitual e analítico, cujos principais pressupostos podem ser sintetizados da seguinte forma:

(i) o exercício da linguagem pressupõe a atuação da chamada *competência comunicativa* dos interlocutores, um conjunto de conhecimentos, de diferentes tipos, acionados no intercâmbio verbal, como o conhecimento ilocucional, relativo a tipos de objetivos comunicativo-interacionais, o conhecimento comunicacional, que possibilita, por exemplo, a seleção das informações necessárias para cumprimento do objetivo comunicativo, e o conhecimento metacomunicativo, que se refere ao emprego de procedimentos linguístico-textuais, como o uso de articuladores textuais;<sup>3</sup>

(ii) o funcionamento dos processos textuais é definido, por completo, no uso, nas situações concretas de interlocução, coenvolvendo as circunstâncias enunciativas

---

<sup>3</sup> Sobre a noção de competência comunicativa, ver Jubran (2007).

(Jubran, 2006a), o que significa que a análise desses processos depende sempre do contexto específico em que ocorrem;

(iii) os fatores interacionais são constitutivos do texto e inerentes à expressão linguística, de modo que a PTI analisa, de maneira integrada, o plano da estruturação do texto (formulação e organização globais de conteúdo informacional) e o plano de seu processamento interacional, considerando que todo processo opera, ao mesmo tempo, em ambos os planos;

(vi) a atuação de um processo na estruturação do texto e sua atuação no plano interativo, embora sempre coocorram, normalmente mantêm entre si uma relação inversamente proporcional, pela qual quanto mais o processo focaliza um plano, mais decresce sua atuação no outro, e vice-versa, podendo esses planos ser relacionados em termos de um *contínuo textual-interativo*. Esse contínuo define-se, sobretudo, conforme os usos dos processos focalizem o conteúdo tópico (informacional) do texto, o locutor, o interlocutor ou ato comunicativo. Considera-se que, nessa ordem, os empregos dos processos passam progressivamente de um polo caracterizado por maior foco no plano textual e menor foco no plano interacional para um polo inverso, definido por menor ênfase no domínio textual e privilégio da esfera da interação;

(v) os processos textuais caracterizam-se por regras não de natureza determinística (restrições), mas de natureza probabilística (tendências de uso). Tal pressuposto significa que, para a PTI — e para a ADT —, cada processo não é norteado por regras categóricas, aplicadas a todas as ocorrências do processo, mas por regras gerais, que *normalmente* regem suas ocorrências (não necessariamente sempre) — na ADT, o caráter probabilístico das regras textuais é captado pela apuração das frequências percentuais em que ocorrem, num *corpus*, os diferentes usos de um processo.

A ADT (Jubran, 2010; Penhavel; Cintra, 2022) incorpora o quadro de fundamentos da PTI e o amplia com princípios especializados na investigação *diacrônica* dos processos textuais.<sup>4</sup> Nessa expansão teórica, duas premissas são elementares. A primeira refere-se à noção de *implementação* dos processos. É a premissa de que cada processo define-se por determinadas propriedades gerais, as quais são implementadas (materializadas) de formas particulares a cada emprego concreto do processo em um texto empírico. É a compreensão de que, no que tange ao funcionamento dos processos textuais, é necessário diferenciar, por um lado, propriedades abstratas definidoras dos processos e, por outro, as formas concretas e singulares de implementação, de *uso*, dos processos na elaboração material de textos.<sup>5</sup> Dessa forma, a ADT entende que, quanto a esses processos, o que está sujeito à mudança diacrônica não são suas propriedades definidoras (que são fixas, válidas a textos de qualquer época), mas seus usos.

A segunda premissa refere-se à relação entre os processos constitutivos do texto e os

---

<sup>4</sup> Além de firmar-se na PTI, a ADT apoia-se, de modo complementar, em conceitos do modelo de Tradições Discursivas (Kabatek, 2006); a esse respeito, ver Penhavel e Cintra (2022).

<sup>5</sup> Como exemplificação, Penhavel e Cintra (2022) mencionam o caso da organização tópica (explicada à frente), que é definida, entre outros traços, pela hierarquização tópica, segundo a qual um texto se organiza em uma rede de tópicos hierarquicamente inter-relacionados. Segundo os autores, as regras de hierarquização são sempre as mesmas para quaisquer textos, mas o número de tópicos, de níveis hierárquicos e outras formas de implementação do processo variam de um texto a outro.

*gêneros textuais*. Tal premissa decorre da visão de língua/texto como interação social, como forma de realização de ações, e consiste na compreensão de que, a cada texto empírico, os processos textuais são implementados em função da ação realizada por esse texto, sendo o *gênero textual* a instância de organização linguística que determina a ação cumprida pelo texto; para a ADT, a ação característica de um gênero é o que costuma ser tratado como a finalidade sociocomunicativa do gênero.<sup>6</sup> A abordagem entende que, embora cada uso de um processo, em um dado texto, seja sempre uma forma singular de implementação das propriedades definidoras do processo (conforme estabelece a premissa anterior), cada gênero prevê, para cada processo, um *padrão de uso*, um modo de emprego do processo mais ou menos seguido pela maioria das ocorrências do processo naquele gênero. É nesse sentido que a ADT assume que o uso dos processos está ligado aos gêneros, de modo que esse uso, diacronicamente, fica sujeito a alterações, associadas a mudanças que venham a acontecer nos gêneros.

Com base principalmente nessas duas premissas, entre outras (cf. Penhavel; Cintra, 2022), a ADT define seu princípio teórico-metodológico central (anteriormente mencionado): a diacronia dos processos textuais — precisamente, a diacronia do padrão de uso de cada processo em cada gênero — é parte da história dos gêneros, de modo que o estudo diacrônico de um dado processo deve ser sempre situado na esfera da história de determinado gênero.

A concepção de gênero textual adotada na ADT é a que se encontra em Koch (2002) e Marcuschi (2008), a qual, em grande medida, é sustentada em Bakhtin (2003). É a concepção de que os gêneros são espécies de texto relativamente estáveis, caracterizadas por conteúdo temático, estilo, estrutura composicional e finalidade, esta última vista como propriedade central de um gênero, em torno da qual os demais aspectos se configuram — a ADT entende que, em um gênero, o padrão de uso de cada processo de construção textual é parte da estrutura composicional típica do gênero. Em particular, a abordagem ressalta, a partir de Marcuschi (2008), que os gêneros são práticas históricas, vinculadas a necessidades sociais dos falantes, sendo manifestações discursivas dinâmicas, com estabilidade relativa. Em consonância com Koch (2002), a abordagem assume que os gêneros, como outros produtos sociais, estão sujeitos a alterações, devido a transformações sociais e à elaboração de novos procedimentos verbais. Desse modo, para a ADT, a diacronia do padrão de uso de um processo, num gênero, é parte do fenômeno natural de mudança histórica desse gênero.

Ainda acerca dos padrões de uso dos processos nos gêneros, a ADT formula a hipótese que vem, então, a motivar o presente artigo. A abordagem admite a possibilidade de que, entre o nível da padronização do uso de um processo num gênero e o nível das particularidades de cada ocorrência do processo em cada texto concreto daquele gênero,

---

<sup>6</sup> Por exemplo, no gênero editorial jornalístico, a ação/finalidade do gênero é defender a opinião do jornal acerca de dado assunto; a ação/finalidade do gênero receita culinária é orientar o preparo de um prato.

existam outros padrões de emprego do processo, vinculados a circunstâncias específicas regulares de utilização do gênero. Num caso como o da organização tópica em cartas de leitor, entende-se que, além do padrão de uso do processo característico do gênero como um todo, haveria ainda padrões mais específicos dependendo, por exemplo, da publicação das cartas em suportes diferentes, como revistas ou jornais; ou padrões ligados à sua veiculação em jornais de circulação nacional, estadual, regional, ou em jornais de bairro (exatamente a possibilidade que fomenta o artigo).

Trata-se de hipótese assentada nos pressupostos da PTI sintetizados acima, e assumidos pela ADT, especialmente no pressuposto em (ii), segundo o qual o funcionamento dos processos textuais se define nas situações específicas de interlocução. A nosso ver, a compreensão que se encontra na base da hipótese, em termos sintéticos, é a de que:

(a) cada processo é regido por propriedades definidoras gerais, que integram a competência comunicativa dos interlocutores; por exemplo, as propriedades definidoras do processo de organização tópica, contemplando todas as diferentes possibilidades de implementação do processo, disponíveis para serem usadas na construção de textos;

(b) na efetivação da linguagem por meio da construção de um texto, um primeiro nível particularizador do uso de um processo textual (em relação à diversidade de possibilidades disponibilizadas por suas propriedades definidoras), rumo à sua concretização no texto, seria a padronização do processo prevista pelo gênero a que o texto pertence, sendo o conhecimento dessa padronização integrante ainda da competência comunicativa dos interlocutores; é o caso, por exemplo, da padronização de uso da organização tópica em cartas de leitor;

(c) num nível mais específico que o do gênero, o uso de um processo se ajustaria a padrões previstos por circunstâncias particulares e regulares de utilização do gênero, padrões, outra vez, acomodados na competência comunicativa dos interlocutores; seria o caso de um possível padrão de organização tópica típico de cartas de leitor publicadas em jornais de circulação regional;

(d) finalmente, como última instância de especificação (e agora concretização) do uso de um processo, ele seria implementado, de forma completa, na construção de um dado texto empírico, quando o uso do processo é sempre um fato singular, diferente de seu uso em qualquer outro texto; seria a organização tópica de uma determinada carta, publicada num dado jornal regional.<sup>7</sup>

Este artigo procura contribuir para examinar a hipótese — prevista em (c) — de que, no exercício da atividade verbal, operaria um nível de padronização do uso dos processos

---

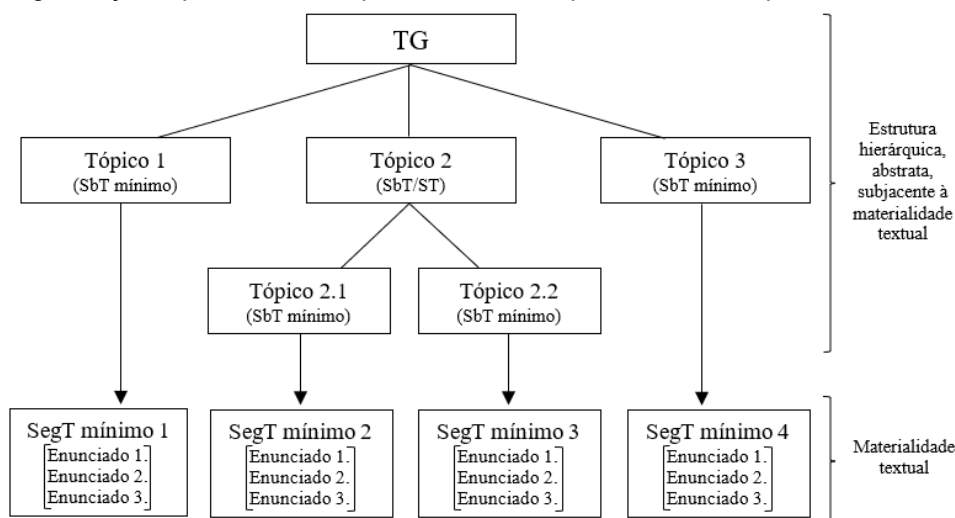
<sup>7</sup> Acreditamos que, no funcionamento dos processos de construção textual, os níveis de particularização previstos nos itens de (a) a (d) possam ser produtivamente explicados com referência aos níveis da linguagem propostos por Coseriu (1980), *universal, histórico e individual*, quadro no qual é desenvolvido o modelo de Tradições Discursivas, com o qual a ADT dialoga. As propriedades definidoras dos processos, item (a), integrariam o nível universal, os padrões relacionados aos gêneros, itens (b) e (c), fariam parte do nível histórico, particularmente do domínio das Tradições Discursivas, e o uso concreto, mais específico, de um processo em um texto empírico, item (d), estaria inserido no nível individual. Por ora, trata-se de uma visão a ser ainda explorada, a qual, em se mostrando pertinente, pode vir a ser sistematizada na interface entre a ADT e o modelo de Tradições Discursivas.

que ficaria entre o nível dos gêneros e o nível da concretização dos processos em textos empíricos. Para explorar essa hipótese, o trabalho analisa o processo de organização tópica.

Segundo Jubran *et al.* (1992) e Jubran (2006a; 2006b), a organização tópica é o processo central de construção de textos, o “fio condutor” (Jubran, 2006a, p. 33) da construção textual — cf. Pinheiro (2005) para uma reflexão detalhada acerca da noção de tópico da PTI. É a estruturação de um texto em (sub)unidades textuais, em partes e subpartes, no que se refere aos tópicos (temas, assuntos) nos quais os interlocutores centram a interação. Como todo processo, exhibe tanto estatuto textual quanto interacional, embora normalmente focalize o plano textual, ao consistir na estruturação justamente do conteúdo informacional do texto.<sup>8</sup>

Conforme vários estudos têm mostrado (entre outros Valli, 2017; Garcia, 2018; Hanisch, 2023), a organização tópica pode ser implementada, na elaboração de um texto, de dois modos elementares: um texto pode centrar-se em um único tópico, ostentando, assim, o traço de *unicidade tópica*, ou pode centrar-se em dois ou mais tópicos, portando o traço de *complexidade intertópica*. A Figura 1 é uma ilustração hipotética da segunda opção:

Figura 1 – Organização tópica de texto hipotético com complexidade intertópica



Fonte: Autoria própria.

Quando possui complexidade intertópica, um texto focaliza, em toda sua extensão, um mesmo tópico mais geral, chamado de *tópico global* (TG). O texto estará dividido em duas ou mais partes, e cada uma vai centrar-se em um tópico mais específico, que constituirá um *subtópico* (SbT) do TG (na figura, os tópicos 1, 2 e 3). Cada um desses SbTs pode ser abordado por meio do tratamento de dois ou mais tópicos ainda mais específicos, seus

<sup>8</sup> Mesmo que, na maioria dos casos, a organização tópica focalize o plano textual, essa atuação (como em usos predominantemente textuais de qualquer processo) não deixa de exibir correlato interacional, em função do caráter sempre dialógico da construção textual, o qual define coordenadas para o processamento das informações articuladas na organização tópica. Ademais, em um texto, certas unidades tópicas podem adquirir estatuto mais interacional, inclusive predominantemente interativo, à medida que focalizem informações relativas ao locutor, ao interlocutor ou à situação de interação.



próprios SbTs (caso do tópico 2, que abarca 2.1 e 2.2), e assim por diante, formando uma estrutura hierárquica, abstrata, subjacente à materialidade textual. Quando um tópico se subdivide em dois ou mais, ele assume também o estatuto de *supertópico* (ST) (têm esse estatuto o TG, que constitui o ST máximo do texto, e o tópico 2). Assim, os estatutos de ST e SbT são relacionais, dependendo do nível de análise (o tópico 2 é tanto SbT do TG quanto ST de 2.1 e 2.2). Os SbTs mais específicos da hierarquização tópica (que não contêm seus próprios SbTs) são rotulados de *SbTs mínimos* (o que se aplica aos tópicos 1, 2.1, 2.2 e 3).

Na materialidade textual, cada tópico de uma hierarquia — o mesmo sendo válido para o único tópico de um texto que contenha o traço de unicidade tópica — é desenvolvido por um agrupamento de enunciados, o *segmento tópico* (SegT). Os SegTs que concretizam os SbTs mínimos são chamados de *SegTs mínimos*. Assim, a materialidade de um texto, em caso de complexidade intertópica, é formada por um sequenciamento de SegTs mínimos. Quando se trata de texto com unicidade tópica, o próprio texto inteiro equivale a um único SegT mínimo<sup>9</sup>.

A elaboração de SegTs caracteriza-se pela propriedade da *centração tópica*. Com base em Jubran (2006b), a centração pode ser definida como o procedimento de construção de um conjunto de enunciados concernentes entre si e que focalizam um tópico em um dado ponto do texto. Essa propriedade compreende, assim, três traços: *concernência*, a construção de um conjunto de enunciados semanticamente interdependentes, interdependência obtida por relações implicativas, associativas, exemplificativas etc. estabelecidas entre os enunciados, mediante recursos linguístico-textuais diversos, como uso de marcadores discursivos, emprego de repetições e paráfrases, uso de termos pertencentes a um mesmo campo semântico, entre outros; *relevância*, a organização desse conjunto de enunciados de modo a focalizar um mesmo tópico; *pontualização*, a reunião desses enunciados num mesmo ponto (fragmento) do texto (Jubran, 2006b). Ou seja, cada ponto de centração em um texto significa a instauração de um tópico — adiante, a seção de análise de dados tomará a centração como critério central para identificação de cartas com unicidade tópica e com complexidade intertópica.

Como breve ilustração do processo de organização tópica e dos traços de unicidade e complexidade, vejam-se as cartas em (1) e (2), extraídas de Guerra (2022):

- (1) [SbT/SegT mínimo 1] Senhor Redactor – Como em o seu número 97 de hoje me offerece ocasião de desabafo contra a Camara d'esta Cidade [...] quero *desabafar meu censibilisado coração, contando-lhe um caso horroroso*, acontecido á tres dias em uma rua publica d'esta Cidade. Um pobre môço carreiro [...] na continuação [...] da rua da Esperança [...] em um lamaçal tremendo que alli existe atola-se o carro, perde o equilibrio, e querendo o infeliz

---

<sup>9</sup> As noções de *SbT mínimo* e *SegT mínimo*, embora interligadas, não se confundem. Um SbT mínimo é um tópico (tema), uma abstração (interpretativa e analítica) em relação ao texto, e um SegT mínimo é um conjunto de enunciados, materialmente expresso no texto, que desenvolve um SbT mínimo.

encostar a lenha ficou espedaçado debaixo do peso enorme [...].

[SbT/SegT mínimo 2] *Outro desabafo*, Senhor Redactor. Se Vossa mercê se queixa dos magotes d'egoas, que seus donos tem posto nas Praças d'esta Cidade [...], não é também digno de censura que se queira formar fazendas de gado vaccum dentro da Cidade? [...].

[SbT/SegT mínimo 3] *E que direi* Senhor Redactor, da immensidade de caens de fila, e d'outros inuteis galgos, de que abunda a nossa Cidade? [...].

[SbT/SegT mínimo 4] *Finalmente*, Senhor Redactor, *mais um desabafo*. Não podem ser mais fortes e mais positivas as ordens sobre as formigas [...].

[SbT/SegT mínimo 5] Oh! Senhor Redactor, clame contra *tanto desleixo*, tendo em vista o = guta cavat lapi [corroído] e pôde ser que se acordem e se levantem dos fôfos colchões de macia penna nossos patricios [...] (*Farol Paulistano*, 22/03/1828; Guerra, 2022, p. 45-46 e p. 52).

- (2) Sr. Redator. De uns tempos para cá, um trecho da *R. Silvia* [...] a partir da *R. Dr. Seng*, ficou *mão de direção* no sentido cidade-bairro. Acontece que *nessa esquina*, a *Dr. Seng* é curva e rampa e lá existe um hospital (obviamente zona de silêncio), e todos os carros, caminhões, motos [...] produzem a famosa “poluição sonora”. Venho pedir ao *Diretor de Trânsito* [...] que faça com que toda a *R. Silvia* volte a ter a *mão de direção* como sempre teve, no sentido bairro-cidade, para tranquilidade de todos os moradores *desta rua* e, principalmente, mais respeito pelos doentes acamados no hospital que fica justamente *na esquina das citadas ruas*. (*O Estado de S. Paulo*, 11/10/1977; Guerra, 2022, p. 46, grifos nossos).

De acordo com a autora, a carta em (1) exhibe complexidade intertópica, contendo cinco SbTs/SegTs mínimos (discriminados na transcrição do texto). Segundo sua análise, a missiva aborda diferentes problemas da cidade. Cada um dos quatro primeiros tópicos centra-se em um problema, tratado como um desabafo específico, e o último tópico remete a todos conjuntamente, análise que fica nítida especialmente pelas passagens destacadas, as quais marcam a progressiva distinção entre os diferentes desabafos do escrevente e a retomada de todos no último tópico. Já a carta em (2), como explica a autora, manifesta unicidade tópica, pois se centra, em toda sua extensão, num único tópico, referente a um mesmo problema de trânsito. A centração de toda a carta nesse mesmo tópico fica explicitada principalmente pelos destaques, todos concernentes entre si, orientados para o mesmo problema e distribuídos do início ao fim da carta, conferindo relevância ao problema ao longo de toda a missiva.

A distinção entre texto com complexidade intertópica e texto com unicidade tópica, em pauta no artigo, vem sendo tomada como relevante em trabalhos da PTI primeiramente por representar uma diferença qualitativa substancial em termos de estruturação tópica. No primeiro tipo, a construção textual implementa, em diferentes graus, toda uma complexidade hierárquica e linear entre tópicos, como representa a Figura 1 anterior. Já no segundo tipo, essa complexidade não se manifesta, e a organização tópica delimita-se à estruturação interna do único tópico do texto (a organização intratópica — a qual também ocorre em textos com complexidade, no interior de seus SegTs mínimos). Além disso, a distinção em pauta tem sido considerada significativa, por sua associação com a finalidade dos gêneros. Um texto com unicidade normalmente reflete uma finalidade de elaborar uma produção textual mais

sintética, circunscrita à abordagem de um único assunto, como em (2). Por outro lado, um texto com complexidade, como em (1), tende a refletir o propósito de formular uma abordagem mais ampla, que relaciona diferentes assuntos ou diferentes aspectos de um assunto. Assim, na análise tópica de um gênero, a predominância de textos com unicidade ou complexidade tem sido tomada como um indicativo da finalidade que o caracteriza.

A descrição a seguir, ao focar o comportamento das cartas no que tange à unicidade e à complexidade, pressupõe essa diferença entre os dois traços e deve, portanto, oferecer contribuição nesses termos, subsidiando análises futuras que relacionem possíveis trajetórias diferentes da organização tópica em cartas de leitor e possíveis finalidades distintas que o gênero possa congrega.

### **Corpus e análise de dados**

Como estabelecido anteriormente, este artigo analisa cartas de leitor do jornal *Diário da Região*. A seleção do periódico explica-se por sua abrangência regional. A descrição de suas missivas pode fornecer dados apropriados para comparação futura com resultados de trabalhos já realizados na ADT que investigam cartas de jornais de circulação estadual/nacional, cotejo que visa à averiguação da hipótese de que diferentes esferas de utilização de um gênero podem implicar particularidades na diacronia dos processos textuais.

O periódico é produzido na cidade de São José do Rio Preto, interior do estado de São Paulo, tendo circulação média atual de 26 mil exemplares na cidade e em municípios da região.<sup>10</sup> O jornal foi fundado em 1950 e publica cartas de leitor desde 1975.<sup>11</sup> Atualmente, sua versão impressa, selecionada em nosso estudo, circula diariamente, exceto às segundas e sextas, publicando cartas em todos os demais dias. Para nossa pesquisa, selecionamos cartas do acervo digitalizado do jornal, que disponibiliza as edições impressas.<sup>12</sup>

Coletamos cartas publicadas ao longo de um ano, particularmente de maio de 2022 (fase inicial de nossa pesquisa) a abril de 2023, recolhendo exemplares de um dia de cada mês. Na seleção do dia de cada mês, optamos sempre por dias diferentes: estabelecemos o dia 1º para o mês inicial (maio) e dias subsequentes para os demais meses, com espaço de um dia entre cada dia escolhido, definindo, assim, os dias 01/05, 03/06, 05/07 etc. (caso o dia predefinido coincidisse com segunda ou sexta-feira, convencionamos escolher o dia posterior). Esse sistema visou compor uma amostra consideravelmente representativa da

---

<sup>10</sup> Dados publicados pelo periódico, na página [https://www.diariodaregiao.com.br/secoes/institucional/quem\\_somos](https://www.diariodaregiao.com.br/secoes/institucional/quem_somos). A título de comparação, a *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*, em julho de 2023, contavam com circulação de 796.088 e 243.432 exemplares respectivamente, segundo matéria publicada pela *Folha de S. Paulo*, disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2023/08/ivc-muda-calculo-para-assinaturas-folha-e-lider-em-circulacao.shtml>.

<sup>11</sup> A edição de 03/12/1975 veicula uma extensa nota, inaugurando a publicação de cartas.

<sup>12</sup> O acervo do periódico pode ser acessado no endereço <https://flip.diariodaregiao.com.br>.

diversidade de cartas do jornal, incluindo exemplares de todos os meses do ano e de diferentes dias do mês. De cada dia selecionado, coletamos todas as cartas, procurando contemplar também possíveis tipos diferentes de cartas veiculadas num mesmo dia. Esse levantamento resultou em 51 exemplares, que foram, então, analisados em nossa pesquisa.<sup>13</sup>

O Quadro 1 reúne os resultados acerca do comportamento desses textos em relação aos traços de unicidade tópica e complexidade intertópica:

Quadro 1 – Dados sobre número de SbTs mínimos por carta.

Número de SbTs mínimos por carta		Quantitativos percentuais e absolutos de cartas	
Unicidade tópica (1 SbT)		82,4% (42 de 51 exemplares)	
Complexidade intertópica	2 SbTs	13,7% (7 de 51 exemplares)	17,6% (9 de 51 exemplares)
	3 SbTs	3,9% (2 de 51 exemplares)	

Fonte: Autoria própria.

Como se pode notar, a grande maioria das cartas exhibe unicidade tópica, predomínio que, a princípio, não surpreende. Oliveira (2016) analisa um extenso *corpus* de cartas de leitor da *Folha de S. Paulo* e d' *O Estado de S. Paulo* publicadas em 2015 (data relativamente próxima à do nosso material) e identifica, exclusivamente, cartas com unicidade, resultado ao qual se alinha nossa constatação de predomínio desse traço. Na verdade, o dado mais significativo do Quadro 1, a nosso ver, é a existência de percentual considerável de missivas com complexidade. A apuração aponta para a pertinência da hipótese de que diferentes esferas de circulação de um gênero estejam associadas a diferenças nos processos textuais, tendo em vista a diferença de amplitude de circulação entre o *Diário da Região* e os dois periódicos analisados por Oliveira (2016).

Na sequência desta seção, analisamos exemplos a fim de demonstrar os dados do Quadro 1, sobretudo a existência de cartas com complexidade, e, mais ao final da seção, delineamos alguns encaminhamentos a serem considerados numa discussão sobre a contribuição desses resultados para a averiguação da referida hipótese. Nesse sentido, observe-se inicialmente a carta em (3):

<sup>13</sup> O conjunto de 51 cartas componentes do *corpus* da pesquisa incluiu todas as missivas publicadas nos seguintes dias: 01/05/2022, 03/06/2022, 05/07/2022, 07/08/2022, 10/09/2022 (que substituí a data predefinida de 09/09/2022, por esta ser uma sexta-feira), 11/10/2022, 13/11/2022, 15/12/2022, 17/01/2023, 19/02/2023, 21/03/2023 e 23/04/2023. Conforme se pode constatar no acervo digitalizado do jornal, a veiculação impressa do periódico às sextas-feiras é interrompida a partir de 29/07/2022, no decorrer, portanto, do período recoberto por nosso material de análise. Por essa razão, o dia 03/06/2022 (uma sexta-feira), por nós pré-selecionado, ainda pôde ser computado para composição do *corpus*, enquanto o dia 09/09/2022 teve de ser substituído pelo dia seguinte. Já a veiculação do jornal às segundas-feiras não aconteceu ao longo de todo o período abrangido por nossa recolha de material de análise, o que porém não implicou nenhuma substituição de dia, já que nosso sistema de predefinição de dias para seleção do *corpus* coincidentemente já não incluiu nenhuma segunda-feira.

(3)	COMÉRCIO 3. Sobre a reportagem “Lojistas ganham autonomia para abrir comércio à noite e aos domingos em Rio Preto” –	1 2
	Os comerciantes teriam que contratar outros funcionários interessados nesse trabalho e com um salário condizente.	3 4
	Também ter mais policiamento circulando, assim o Centro ganharia mais visitantes.	5
	Eu vejo com bons olhos para quem busca um emprego ou monta seu próprio negócio.	6 7
	Em tempos de desemprego isto seria uma oportunidade para quem realmente quer e precisa trabalhar.	8 9
	Essa é a minha opinião. [Autor da carta]. ( <i>Diário da Região</i> , 07/08/2022). <sup>14</sup>	10

A carta em (3) representa um caso evidente de texto com unicidade tópica. O escrevente abre a missiva (*ll.* 1-2)<sup>15</sup> com uma construção que, no contexto, pode ser interpretada como uma forma expressa de introdução de tópico, “sobre *x*”, pela qual introduz a temática da obtenção, por parte de lojistas, de autonomia para abertura do comércio à noite e aos domingos na cidade. Na sequência, o escrevente elabora o que pode ser visto como uma listagem de quatro argumentos em favor do direito obtido pelos lojistas, cada um exposto em um enunciado (*ll.* 3-4, 5, 6-7, 8-9); inclusive, é pertinente ler o emprego de travessão na *l.* 2 como equivalente a um sinal de dois pontos, introdutor de uma lista de itens, cada item sendo um dos argumentos que vêm na sequência. Ao final (*l.* 10), o escrevente inclui breve enunciado, explicitando que o texto apresentado é a sua opinião.

Se, por exemplo, dois (ou mais) desses argumentos fossem expandidos, havendo, acerca de cada um deles, todo um conjunto de enunciados, poder-se-ia distinguir dois (ou mais) pontos de centração tópica na carta e, assim, a instauração de complexidade. Porém, não é esse o caso. Cada argumento é “apenas” introduzido, sinteticamente, sem ser mais desenvolvido, e pode ser lido como um elemento de uma mesma listagem aberta no segmento que inicia a carta (*ll.* 1-2). Desse modo, pode-se reconhecer que, entre todos os enunciados da carta, há uma estreita relação de concernência e que todos articulam-se de modo a colocar em relevância um mesmo (e único) tópico introduzido no início do texto.

A carta em (4) também manifesta unicidade tópica:

(4)	POLUIÇÃO SONORA. Gostaria de sugerir à municipalidade, ao prefeito Edinho Araújo, aos senhores vereadores, à fiscalização – principalmente da PM – que “olhem com carinho” para o problema dos motoqueiros (diferentes de motociclistas), que não respeitam a legislação (seja municipal, seja federal), tampouco o sossego alheio.	1 2 3 4
	Me refiro àqueles que “tiram os miolos” dos escapamentos de suas motocicletas e fazem barulhos ensurdecedores, provocando altos e incômodos “roncos” com os canos de descargas dos seus veículos de duas rodas a qualquer [hora] do dia, da noite e até de madrugada. Isso também acontece com as bicicletas motorizadas e, principalmente, nos bairros periféricos – não deixando de ocorrer também no centro e nos chamados bairros nobres, como em avenidas e quaisquer ruas.	5 6 7 8 9 10

<sup>14</sup> As expressões em caixa alta no início das cartas constituem os títulos desses textos.

<sup>15</sup> Nas remissões aos exemplos, o termo “linha” e seu plural abreviam-se respectivamente por “*l.*” e “*ll.*”

Fica aqui um protesto para que as autoridades revejam a situação e a imprensa produza 11  
reportagem, ficando aqui uma sugestão de pauta. (*Diário da Região*, 21/03/2023). 12

Também nessa carta é possível notar a integração de todos os enunciados em torno de um único tópico passível de ser distinguido no texto. No enunciado nas // 1-4, o escrevente introduz uma temática, “o problema dos motoqueiros”, incorporando a essa introdução uma caracterização geral do problema (“que não respeitam a legislação [...], tampouco o sossego alheio”) e breve sugestão (“gostaria de sugerir [...] que ‘olhem com carinho’ para o problema”). Na sequência, // 5-10, continuando a mesma temática, a carta especifica a caracterização do problema: detalha os responsáveis (“me refiro àqueles que ‘tiram os miolos’ dos escapamentos [...]”, “as bicicletas motorizadas”), informa os horários (“a qualquer [hora] do dia, da noite e até de madrugada”) e os locais (“nos bairros periféricos [...]"). O último enunciado, // 11-12, conclui a carta, ainda na mesma temática, o que é indicado, inclusive, pelo sintagma “a situação”, que encapsula retrospectivamente o problema discutido e retoma a expressão correferencial “o problema dos motoqueiros”, que havia introduzido a temática e também já encapsulado o problema prospectivamente. Portanto, nota-se, em (4), um conjunto de enunciados concernentes entre si, que focalizam a temática do problema dos motoqueiros, do início ao fim do texto, configurando-a como tópico, no caso o único tópico do texto. Já a carta em (5) manifesta complexidade intertópica:

(5) [TG: *Acolhimento de animais pelo escrevente e sua esposa*]

[SbT mínimo 1: *Histórico do acolhimento de animais* → SegT mínimo 1:]<sup>16</sup>  
ANIMAIS. Algumas décadas atrás eu e minha esposa decidimos [...] *acolher cães e gatos* 1  
*abandonados* nas ruas. Evidentemente que na medida das nossas possibilidades. O que 2  
começou com duas gatinhas logo se transformou num verdadeiro orfanato. [...] *Castramos* 3  
*todos, levamos ao veterinário e tratamos quando ficam doentes*. Nos primeiros 10 anos 4  
consequimos lares novos para vários deles [...]. Depois a situação financeira das famílias 5  
melhorou e não conseguimos mais competir com os lindos filhotes vendidos por mais de 6  
mil reais, nas lojas especializadas. *Passamos a ficar com todos que acolhíamos* [...]. Com 7  
toda certeza, se calcularmos *o valor que gastamos com eles* nessas décadas, conta que 8  
engloba não só os que nos pertenciam, mas outra centena, talvez, pertencentes a pessoas 9  
que nos pediam *ajuda para castrar e alimentar os seus filhos peludos* [...], daria para 10  
comprar uma mansão e vários carros de luxo [...]. Não lamentamos um só centavo dessa 11  
escolha, pelo contrário, faríamos tudo de novo. 12

[SbT mínimo 2: *Justificativas do acolhimento de animais, em vez de humanos* → SegT mínimo 2:]  
Às vezes alguém me pergunta por que não *ajudamos crianças abandonadas*, ao invés de 13  
*ajudar cachorros*. [...]. Não tenho vergonha de reconhecer que *não sabemos acolher* 14  
*crianças abandonadas*, embora admire muito *quem faça isso*. Mas existe um ditado que 15  
se aplica a tudo na vida: *cada um dá o que tem*. Ou seja, *fazemos o que sabemos fazer*. 16  
Além disso, se fossemos concordar com a lógica de só *ajudar “seres inferiores”* após 17  
*socorrer todas as necessidades humanas*, jamais começaríamos porque as necessidades 18

<sup>16</sup> Esse tipo de notação pode ser lido da seguinte forma: o SbT mínimo 1, intitulado *Histórico do acolhimento de animais*, é desenvolvido, na materialidade textual, pelo SegT mínimo 1, formado pelo seguinte conjunto de enunciados (o fragmento nas linhas 1-12).

e mazelas humanas nunca terminarão, até que a Terra se torne um mundo feliz, o que 19  
deve levar muitos séculos ainda. [...]. *Ajudar*, na minha concepção, *não depende de raça* 20  
*nem de espécie*. Senão, o que seria da preservação das florestas? [...]. E só para constar, 21  
*nunca deixamos de vestir e matar a fome de muita gente*, porque, para nós, *socorrer* 22  
*animais e humanos não são atividades mutuamente excludentes*. [Autor da carta]. (*Diário* 23  
*da Região*, 13/11/2022; grifos nossos).

Nessa carta, é possível notar um TG que pode ser rotulado de *Acolhimento de animais pelo escrevente e sua esposa*. Isso fica especialmente evidente por certas passagens que remetem expressamente a esse tópico e que se distribuem do início ao fim do texto, como “eu e minha esposa decidimos [...] acolher cães e gatos abandonados nas ruas” (no início do texto, *ll.* 1-2), “por que não ajudamos crianças abandonadas, ao invés de ajudar cachorros” (no meio do texto, *ll.* 13-14) e “para nós, socorrer animais e humanos não são atividades mutuamente excludentes” (ao final da carta, *ll.* 22-23), entre outras. No entanto, diferentemente do que ocorre nas duas cartas anteriores, a missiva em (5) é desenvolvida mediante a abordagem de dois SbTs do TG (já instaurados como SbTs mínimos): *Histórico do acolhimento de animais* e *Justificativas do acolhimento de animais, em vez de humanos*. A análise sustenta-se na medida em que é possível reconhecer, no texto, todo um conjunto de enunciados centrado no primeiro desses SbTs, as *ll.* 1-12, que analisamos, então, como um SegT inicial (SegT mínimo 1), e também um conjunto de enunciados centrado no segundo desses SbTs, as *ll.* 13-23, que compõem um novo SegT (SegT mínimo 2).

A centração no histórico do acolhimento de animais, no SegT mínimo 1, é reconhecível, entre outros fatores, porque o fragmento é composto por enunciados concernentes entre si, em torno da temática do acolhimento de animais (sem menção ao acolhimento de seres humanos), o que fica mais explícito nas passagens destacadas em itálico, como “acolher cães e gatos abandonados”, “tratamos quando ficam doentes”, “ajuda para castrar e alimentar os seus filhos peludos” etc. Ao mesmo tempo em que instauram o traço de concernência em torno da referida temática, essas passagens concorrem para colocá-la em relevância no contexto do SegT. A relevância da temática é detectável ainda pelo fato de que, ao longo de todo o SegT, há uma sequência de construções que marcam o trajeto percorrido pelo casal no acolhimento de animais, mantendo constantemente em foco essa temática, inclusive incorporando a ela a noção de relato histórico (completando o tópico como *Histórico do acolhimento de animais*), o que é o caso das construções “algumas décadas atrás”, “nos primeiros 10 anos”, “depois”, “nessas décadas”, entre outras. Na *l.* 12, a construção “faríamos tudo de novo” encerra o relato histórico do acolhimento de animais.

Da linha seguinte até a última, SegT mínimo 2, a carta outra vez exhibe centração, agora no tópico *Justificativas do acolhimento de animais, em vez de humanos*. A concernência e a relevância nessa temática são perceptíveis, entre outros fatores, por trechos (em itálico), distribuídos por todo o SegT, que remetem ao acolhimento de animais, como “ajudar

cachorros”, ao acolhimento de humanos, caso de “acolher crianças abandonadas”, e à justificativa da primeira opção, como “fazemos o que sabemos fazer”, incluindo passagens que articulam esses três elementos, como a afirmação final: “socorrer animais e humanos não são atividades mutuamente excludentes”. Em particular, o texto deixa bem marcada a distinção entre o SegT mínimo 1 e o 2 quanto à questão do acolhimento: no primeiro, não há referência ao acolhimento de humanos, apenas ao de animais, enquanto, no segundo, ambas as referências são encontradas. A carta em (6) também exibe complexidade intertópica:

- (6) [TG: *(In)existência de razões para comemorar o Dia do(a) Trabalhador(a), principalmente em relação à pandemia*]
- [SbT mínimo 1: *Inexistência de razões para comemoração* → SegT mínimo 1:]
- DIA DO TRABALHADOR(A). Estamos comemorando neste domingo (1º de maio) mais um 1  
Dia do Trabalhador(a), data esta que *deveria ser de comemoração*, mas que, nos últimos 2  
dois anos devido a *Pandemia* – além da *ganancia*, da *irresponsabilidade de gestão* e da 3  
*retirada de direitos* – muitos trabalhadores(as) foram jogados na vala do *desemprego*, da 4  
*insegurança* e da *miséria*. Há muitos anos não víamos tantos pais e mãe de famílias 5  
*desesperados* para alimentar seus filhos e muitos precisaram da ajuda dos outros para 6  
conseguir, ocasionando nestes um misto de *impotência*, *insegurança* e *vergonha*; então 7  
*comemorar o quê? Nada!* 8
- [SbT mínimo 2: *Alcance de dias melhores quanto à pandemia, graças à vacinação e ao SUS* → SegT mínimo 2:]
- Neste primeiro semestre, até os dias atuais, *vislumbramos dias melhores no que diz 9  
respeito a pandemia*, mortes e casos positivos e graves diminuindo dia a dia, *graças à 10  
vacinação*. Mesmo com discursos contrários, mentiras absurdas, *a maioria da população 11  
de forma muito inteligente foi se vacinar* e quando chegou a vez das crianças, *levaram 12  
seus filhos* também. Somos um *povo que nasceu tomando vacinas*, faz parte da nossa 13  
cultura, somos conhecidos pelo mundo por este nosso costume e principalmente pelo 14  
*nosso SUS [...]*, que *acolhe*, *protege* e *cuida*, *sem distinção*, *sem preconceito*. Apesar dos 15  
ataques e estrangulamento financeiro ocorrido nos últimos anos, *o SUS*, juntamente com 16  
todos que fazem parte dele, nesta pandemia mostrou sua importância e necessidade para 17  
*proteção*, *cuidado* e *atendimento* de toda a nossa população. 18
- [SbT mínimo 3: *Necessidade de comemorar a vida, pela superação da pandemia e pela possibilidade de continuar lutando* → SegT mínimo 3:]
- Por conta disto *devemos celebrar sim esse dia*, em especial *comemorar a vida!* Dentre 19  
tantas perdas e sofrimentos, *vamos comemorar termos conseguido passar por esta 20  
pandemia, por ainda estarmos aqui, neste plano*. Vamos comemorar termos resistido a 21  
tantos desmandos e reunir todas as forças possíveis para *continuar lutando em busca de: 22  
viver bem* e em segurança, ser um Trabalhador(a) com garantia de direitos, trabalho digno 23  
e seguro e *um ser humano melhor*, que consiga olhar para o outro dar a mão e ajudar no 24  
que for preciso. [...]. *Viva todas trabalhadoras e trabalhadores! Viva a vida!* [Autor da carta]. 25  
(*Diário da Região*, 01/05/2022; grifos nossos).

Nesse exemplar, pode-se reconhecer o TG *(In)existência de razões para comemorar o Dia do(a) Trabalhador(a), principalmente em relação à pandemia*, temática mais geral e comum a toda a carta, conforme explicitam passagens como as seguintes, distribuídas do início ao fim do texto: “mais um Dia do Trabalhador(a), data esta que deveria ser de comemoração, mas que [...] devido a Pandemia [...] muitos trabalhadores(as) foram jogados na vala do desemprego”, na abertura da missiva (//. 1-4); “vislumbramos dias melhores no que diz respeito a pandemia” (//. 9-10) e “vamos comemorar termos conseguido passar por esta



pandemia” (ll. 20-21), trechos situados no decorrer do texto; “viva todas trabalhadoras e trabalhadores! Viva a vida!” (l. 25), enunciados de término do texto. A exemplo da carta anterior, o TG, segundo nossa análise, também abrange mais de um tópico, no caso três SbTs mínimos, desenvolvidos nos SegT mínimos que identificamos na transcrição do texto.

No SegT mínimo 1, o escrevente centra-se num SbT que rotulamos como *Inexistência de razões para comemoração*. Ao longo do SegT, os enunciados contêm expressões (em itálico) semanticamente concernentes entre si, de caráter negativo, associando o feriado em questão à ausência de motivos para comemorar, como “pandemia”, “retirada de direitos”, “desemprego” etc. Ao final, a sequência “então comemorar o quê? Nada!” sintetiza o SegT — inclusive, a sequência é prefaciada pelo marcador discursivo *então*, que tem, como um de seus usos típicos, o fechamento de tópicos —, permitindo depreender que todo o SegT coloca em foco (relevância) realmente a temática da inexistência de justificativas para celebração.

A l. 9 marca uma mudança de centração, passando o texto, até o final, a concentrar-se na existência de razões para comemoração. Mais especificamente, o SegT 2 aborda o *Alcance de dias melhores quanto à pandemia, graças à vacinação e ao SUS*, o que fica mais evidente nas passagens destacadas, tomadas com significação positiva, distribuídas por todo o SegT 2, como “vislumbramos dias melhores no que diz respeito a pandemia”, “a maioria da população [...] foi se vacinar”, “nosso SUS [...] acolhe, protege e cuida, sem distinção”. O SegT mínimo 3, por sua vez, desenvolve o SbT *Necessidade de comemorar a vida, pela superação da pandemia e pela possibilidade de continuar lutando*. Esse SegT mantém a abordagem de caráter positivo, favorável à existência de razões para comemorar, particularizando-se, porém, em relação ao SegT 2, já que: começa com uma construção que pode ser analisada como um marcador de abertura de tópico finalizador de texto (semelhante a possíveis ocorrências de *portanto, diante do exposto*); interrompe por completo a temática específica referente à vacinação e ao SUS, enfatizada no SegT 2, e focaliza uma temática mais genérica, como ressaltam as passagens destacadas, dentre as quais os trechos “devemos [...] comemorar a vida!”, “vamos comemorar [...] por ainda estarmos aqui, neste plano”, “Viva a vida!”.

Enfim, as cartas discutidas ilustram os resultados de nossa pesquisa. Em particular, a missiva em (6) junto daquela em (5) exemplificam a ocorrência, de fato, de complexidade intertópica em cartas do *Diário da Região* publicadas na década de 2020<sup>17</sup>. Como mencionado, a constatação é relevante, pois mostra a existência de diferença, em uma mesma época, entre cartas do *Diário* e de jornais como *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*, apontando para a pertinência da hipótese de que diferentes esferas de circulação de um gênero possam implicar diferenças no emprego dos processos textuais. É verdade que a

---

<sup>17</sup> Em nossa pesquisa, os demais exemplares com complexidade foram aqueles com os seguintes títulos: “Universidade pública” (03/06/2022); “Favela” (05/07/2022); “Datas especiais” (05/07/2022); “Indústria” (10/09/2022); “Tampinhas” (15/12/2022); “Luz” (17/01/2023); “Lugares” (19/02/2023).

diferença revelada por nossos dados não é grande: na amostra de Oliveira (2016), nenhuma carta daqueles dois jornais exibiu complexidade, e nossos resultados mostram apenas 17,6% de cartas com esse traço. Ademais, em nosso conjunto de missivas com complexidade, a maioria delas contém apenas dois SbTs mínimos, a forma mais simples possível de complexidade. De todo modo, a referida hipótese firma-se na premissa de que possíveis diferenças no uso de um processo vinculadas a utilizações diferentes de um gênero realmente não sejam gritantes, já que se trata de usos do processo ainda em um mesmo gênero — o que naturalmente não equivale a dizer que a existência de tais diferenças deixe de ser relevante.

Com efeito, a diferença que apuramos é significativa para fins de análise diacrônica. Segundo Guerra (2022), em jornais paulistas do século XIX, incluindo o *Estado de S. Paulo* e outros de igual importância no período, verificam-se cartas com complexidade. Segundo a autora, essas cartas diacronicamente vão perdendo esse traço, até culminarem no uso exclusivo de unicidade no século XXI. Assim, nossa análise, ao apurar que o *Diário* atualmente veicula cartas com complexidade, indica que a diacronia de cartas deste periódico seguiu algum caminho diferente da diacronia das cartas daqueles outros jornais. O exame dessa questão depende da investigação de sincronias pretéritas do *Diário*, para verificar se, nessas fases, suas cartas já manifestavam complexidade ou não. Qualquer que seja a opção, parece certo que teria ocorrido diferença entre a diacronia das cartas do *Diário* e a diacronia das cartas daqueles outros jornais: se cartas antigas do *Diário* já manifestavam complexidade, esse traço foi mantido, ao contrário do que ocorreu naqueles outros jornais, nos quais o traço foi eliminado; se cartas pretéritas do *Diário* não incluíam esse traço, elas passaram a incluir ao longo do tempo, o que também difere da trajetória das cartas daqueles jornais.

Na continuidade da descrição de cartas do *Diário* e na comparação entre a trajetória diacrônica desses textos e a trajetória de cartas em jornais de maior circulação, a análise, entre outras tarefas, terá de explicar o que teria conduzido o primeiro percurso à manutenção, ou adoção, da complexidade intertópica e o segundo percurso, à eliminação do traço. Nessa discussão, certamente um aspecto a ser considerado deverá ser a extensão das cartas, entendida como um elemento da estrutura composicional do gênero. Como se pode perceber nos exemplos que apresentamos, as missivas com complexidade são maiores que aquelas com unicidade. Embora não haja correlação necessária entre extensão textual e número de tópicos, normalmente textos maiores estão associados à complexidade e textos menores, à unicidade. A esse respeito, é notável a diferença de extensão textual entre cartas atuais do *Diário*, por um lado, e cartas atuais da *Folha de S. Paulo* e do *Estado de S. Paulo*, por outro. Verificando a questão no *corpus* desses dois últimos periódicos disponibilizado em Oliveira (2016), é possível constatar que a carta mais extensa tem 375 palavras (em um total de 250 exemplares), sendo grande parte do *corpus* composto por textos bem menores. Já em nossa

amostra, a maior carta contém 762 palavras, não sendo raras cartas maiores que o teto de extensão das missivas da *Folha* e do *Estadão*. Numa comparação diacrônica entre o *Diário* e periódicos como os outros, será imperativo avaliar a trajetória dos dois tipos de jornal no que diz respeito a como, e em que medida, ambos optam por dar voz aos leitores por meio de cartas, no que tange às concepções de ambos os tipos de periódico acerca da finalidade sociocomunicativa do gênero, entre outros fatores. Na visão da ADT, que concebe a diacronia dos processos textuais como parte da história mais ampla dos gêneros, fatores como esses certamente deverão contribuir para explicar o percurso diacrônico dos processos.

### Considerações finais

Este artigo inseriu-se no âmbito da ADT, quadro que estuda a diacronia de processos textuais e que segue, como um de seus fundamentos, o princípio de que a diacronia desses processos é parte da história dos gêneros textuais. Em particular, o trabalho vinculou-se à investigação de uma hipótese que procura especificar e aprimorar tal princípio, segundo a qual diferentes esferas de utilização de um gênero poderiam acarretar diferenças no uso dos processos textuais. Nesse contexto, o artigo dedicou-se à descrição da organização tópica de cartas de leitor do jornal *Diário da Região* publicadas no início da década de 2020, entendendo o periódico como uma esfera específica de circulação do gênero carta de leitor. Em particular, o trabalho focalizou os traços de unicidade tópica e complexidade intertópica e mostrou que as missivas analisadas caracterizam-se predominantemente por unicidade, manifestando também, em frequência menor, mas considerável, casos de complexidade. O trabalho introduziu ainda breve comparação dos resultados com dados de pesquisas já realizadas, cotejo que apontou para a pertinência da referida hipótese, e delineou possíveis encaminhamentos para desenvolvimentos futuros dessa comparação.

A nosso ver, a contribuição do artigo deve ser pensada, principalmente, considerando-o como parte de um conjunto de pesquisas, já produzidas e a serem realizadas. O trabalho debruçou-se sobre a distinção entre unicidade tópica e complexidade intertópica, que constitui um dos elementos da organização tópica, examinando-o em cartas atuais do *Diário*. É uma análise a ser expandida, com a descrição de outros elementos da organização tópica em cartas atuais desse jornal, com a análise de todos esses elementos em cartas de sincronias pretéritas do periódico, com o traçado completo da diacronia da organização tópica em cartas do *Diário* e finalmente com a comparação entre esse percurso diacrônico e a trajetória da organização tópica de cartas de outros jornais, para averiguação final da hipótese em questão e de outras generalizações. Esse conjunto de pesquisas, ao envolver estudos de caso, participa da descrição da história do português paulista e brasileiro e, ao comparar esses estudos para depreensão de generalizações, pode cooperar, enfim, para o entendimento da dinâmica diacrônica dos processos textuais. Este artigo, embora seja apenas um item dessa

rede de pesquisas, parece-nos uma peça necessária ao fornecer dados para trabalhos posteriores, podendo ainda, a partir de seus pontos positivos e negativos, colaborar com o planejamento de novas investigações.

## Referências

- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 4. ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- CASTILHO, A. T. (org.). **História do português brasileiro**: o português brasileiro em seu contexto histórico. São Paulo: Contexto, 2018.
- COSERIU, E. **Lições de linguística geral**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.
- GARCIA, A. G. **Estudo do processo de organização tópica em editoriais de jornais paulistas do século XXI** (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2018.
- HANISCH, C. V. Topicalidade em produções escritas de alunos do ensino superior. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 23, p. 1–18, 2023. DOI: [dx.doi.org/10.1590/1982-4017-23-35](https://doi.org/10.1590/1982-4017-23-35).
- JUBRAN, C. C. A. S. A Perspectiva Textual-Interativa. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (org.). **Gramática do português culto falado no Brasil**: construção do texto falado. Campinas: Editora da Unicamp, 2006a. p. 27–36.
- JUBRAN, C. C. A. S. Tópico Discursivo. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (org.). **Gramática do português culto falado no Brasil**: construção do texto falado. Campinas: Editora da Unicamp, 2006b. p. 89–132.
- JUBRAN, C. C. A. S. Uma gramática textual de orientação interacional. In: CASTILHO, A. T.; MORAIS, M. A. T.; LOPES, R. E. V.; CYRINO, S. M. L. (org.). **Descrição, história e aquisição do português brasileiro**. Campinas: Pontes, 2007. p. 313–327.
- JUBRAN, C. C. A. S. Diacronia dos processos constitutivos do texto. In: HORA, D. SILVA, C. R. (org.). **Para a história do português brasileiro**: abordagens e perspectivas. João Pessoa: Ideia/Editora Universitária, 2010. p. 204–239.
- JUBRAN, C. C. A. S. et al. Organização tópica da conversação. In: ILARI, R. (org.). **Gramática do português falado**: níveis de análise linguística. Campinas: Editora da Unicamp, 1992. p. 357–439.
- JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (org.). **Gramática do português culto falado no Brasil**: construção do texto falado. Campinas: Editora da Unicamp, 2006.
- KABATEK, J. Tradições discursivas e mudança linguística. In: LOBO, T.; RIBEIRO, I.; CARNEIRO Z.; ALMEIDA, N. (org.). **Para a história do português brasileiro**: novos dados, novas análises. Salvador: Editora da UFBA, 2006. p. 505–527.
- KOCH, I. G. V. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002.
- MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

OLIVEIRA, G. A. **Estudo do processo de estruturação interna de segmentos tópicos mínimos em cartas de leitores de jornais paulistas do século XXI**. 2016. 194 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2016.

PENHAVEL, E.; CINTRA, M. R. Abordagem diacrônica de processos de construção de textos. In: PENHAVEL, E.; CINTRA, M. R. (org.). **História do português brasileiro: diacronia dos processos de construção de textos**. São Paulo: Contexto, 2022. p. 17–37.

PINHEIRO, C. L. **Estratégias textuais-interativas: a articulação tópica**. Maceió: Edufal, 2005.

VALLI, M. V. **O processo de organização tópica em dissertações escolares**. 20217. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2017.

### **Sobre os autores**

*Eduardo Penhavel*

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0718-1142>

Doutor em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), mestre em Estudos Linguísticos e licenciado em Letras pela Universidade Estadual Paulista (Unesp). Professor da Unesp, campus de São José do Rio Preto, e líder do grupo de pesquisa “Estudos sobre Interdiscursividade e Construção de Textos (InterTextos)”.

*Sarah Hanna Maia Ormenese*

Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-4335-3136>

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual Paulista (Unesp), campus de São José do Rio Preto. Licenciada em Letras pela mesma instituição. Membro do grupo de pesquisa “Estudos sobre Interdiscursividade e Construção de Textos (InterTextos)”.

Recebido em ago. 2024.

Aprovado em dez. 2024.